

Escravidão Colonial

Durante a era colonial (1600-1900), sob domínio europeu, partes das Américas, África e Ásia foram colonizadas ou utilizadas como postos de comércio. Milhões de mulheres, homens e crianças foram escravizados e enviados de África e da Ásia para lugares longínquos. Eles, os seus filhos e as muitas gerações que se seguiram foram sujeitos a um sistema que os desumanizou e objetificou com base na cor da sua pele ou na sua fé.

A Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC) e a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC) desempenharam papéis significativos no comércio colonial de escravos. A VOC concentrou as suas atividades no Sul da África e Ásia, a WIC centrou-se mais na África Ocidental, nas Caraíbas e no Norte e Sul da América. Ambas as empresas foram estabelecidas com capitais privados e estatais, e a sua autoridade era parcialmente governamental. No total, os Países Baixos escravizaram e venderam mais de um milhão de pessoas. Essas pessoas foram levadas para trabalhar em plantações, em casas, como artesãos e em minas, ou no transporte de produtos ou expedições militares.

A escravatura colonial era um sistema legalizado no qual os seres humanos eram reduzidos a bens comerciáveis. Esta forma de escravatura foi abolida durante o século XIX. Desde então, em sucessivas declarações internacionais, a escravatura foi definida como um crime contra a humanidade, mais recentemente durante a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa em 2001. Ainda assim, há vestígios deste sistema em sociedades de todo o mundo. Esta exposição esforça-se por proporcionar uma compreensão mais profunda do sistema de escravatura, analisando o papel e a agência dos indivíduos dentro dele. O seu objetivo é levantar questões sobre a injustiça como fenómeno universal e o papel que os indivíduos desempenham na proteção dos direitos humanos.